

Estudos Interdisciplinares em Ciências Humanas

Vol. 12



Periodicojs
EDITORA ACADÊMICA



Equipe Editorial

Abas Rezaey	Izabel Ferreira de Miranda
Ana Maria Brandão	Leides Barroso Azevedo Moura
Fernado Ribeiro Bessa	Luiz Fernando Bessa
Filipe Lins dos Santos	Manuel Carlos Silva
Flor de María Sánchez Aguirre	Renísia Cristina Garcia Filice
Isabel Menacho Vargas	Rosana Boullosa

Projeto Gráfico, editoração e capa

Editora Acadêmica Periodicojs

Idioma

Português

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

E82 Estudos Interdisciplinares em Ciências Humanas - volume 12. / Filipe Lins dos Santos.
(Editor) – João Pessoa: Periodicojs editora, 2025.

E-book: il. color.

E-book, no formato ePub e PDF.

Inclui bibliografia

ISBN: 978-65-6010-140-1

1. Estudos interdisciplinares. 2. Ciências Humanas. I. Santos, Filipe Lins dos. II.
Título

CDD 001.3072

Elaborada por Dayse de França Barbosa CRB 15-553

Índice para catálogo sistemático:

1. Ciências Humanas: pesquisa 001.3072

Obra sem financiamento de órgão público ou privado

Os trabalhos publicados foram submetidos a revisão e avaliação por pares (duplo cego), com respectivas cartas de aceite no sistema da editora.

A obra é fruto de estudos e pesquisas da seção de Estudos Interdisciplinares em Ciências Humanas da Coleção de livros Humanas em Perspectiva



Filipe Lins dos Santos
Presidente e Editor Sênior da Periodicojs

CNPJ: 39.865.437/0001-23

Rua Josias Lopes Braga, n. 437, Bancários, João Pessoa - PB - Brasil
website: www.periodicojs.com.br
instagram: @periodicojs

Capítulo 23

**VIRIATO CORRÊA E SUA OBRA “CAZUZA”: UM
OLHAR CRÍTICO ENTRE A NORMA E O BRINCAR
– QUANDO A EDUCAÇÃO ESCOLAR CALA A
IMAGINAÇÃO**



VIRIATO CORRÊA E SUA OBRA “CAZUZA”: UM OLHAR CRÍTICO ENTRE A NORMA E O BRINCAR – QUANDO A EDUCAÇÃO ESCOLAR CALA A IMAGINAÇÃO

VIRIATO CORRÊA AND HER WORK “CAZUZA”: A CRITICAL LOOK AT THE NORM AND PLAY – WHEN SCHOOL EDUCATION SILENCES IMAGINATION

Sandra de Lourdes Andrade Jovial Macarini¹

Resumo: Esta análise tem como objetivo refletir a rigidez da educação tradicional, ainda presente em muitas escolas, especialmente em contextos de ensino público com grandes turmas, focando na obediência e memorização, barrando à espontaneidade, a criatividade e o protagonismo das crianças. E, por outro lado, refletir a educação como um processo vivo, formadora de cidadãos criativos, críticos e sujeito ativo da sua própria aprendizagem. Para tanto, utiliza-se como arcabouço teórico autores que discutem literatura infantil, educação e psicologia do desenvolvimento. Nelly Novaes Coelho e Regina Zilberman contribuem para compreender o papel da literatura infantil brasileira e sua evolução histórica. Paulo Freire oferece fundamentos pedagógicos que valorizam a curiosidade e a aprendizagem pela experiência, contrapondo-se ao modelo rígido de ensino retratado no capítulo a ser discutido. Já Jean Piaget e Lev Vygotsky fornecem bases psicológicas para entender as travessuras de Cazuzza como parte do processo natural de desenvolvimento cognitivo e social.

Palavras – Chave: Infância - Educação tradicional - Crítica pedagógica - Criatividade e liberdade

¹ Licenciada em Pedagogia pela Universidade Metropolitana de Santos e em Letras pela Universidades do Oeste Paulista. Professora nas Séries Iniciais.



Abstract: This analysis aims to reflect on the rigidity of traditional education, still present in many schools, especially in public education settings with large classes, focusing on obedience and memorization, restricting spontaneity, creativity, and the protagonism of children. On the other hand, it seeks to reflect on education as a living process, shaping citizens who are creative, critical, and active participants in their own learning. To this end, the theoretical framework draws on authors who discuss children's literature, education, and developmental psychology. Nelly Novaes Coelho and Regina Zilberman contribute to understanding the role of Brazilian children's literature and its historical evolution. Paulo Freire offers pedagogical foundations that value curiosity and learning through experience, contrasting with the rigid teaching model portrayed in the chapter to be discussed. Jean Piaget and Lev Vygotsky, on the other hand, provide psychological foundations for understanding Cazusa's mischief as part of the natural process of cognitive and social development.

Keywords: Childhood - Traditional education - Pedagogical critique - Creativity and freedom.

INTRODUÇÃO

Cazusa é um romance infantojuvenil autobiográfico em que o narrador-personagem relata suas memórias de infância no Maranhão do final do século XIX, especialmente sua experiência escolar com métodos rígidos e violências disciplinares — um retrato educativo crítico daquela época.

A obra é frequentemente estudada como uma crítica às práticas educacionais autoritárias e desumanas que eram normativas no Brasil do início do século XX e que ainda repercutiam quando Corrêa escrevia em 1938. Também é vista como uma obra que humaniza a criança, dando voz à infância real (e não apenas fantasia ou moralização), e por isso é um marco da literatura infantojuvenil brasileira ao retratar, por meio da figura de um menino travesso e imaginativo, os dilemas entre a espontaneidade da infância e as imposições da vida escolar.

O capítulo 4 propõe um olhar crítico sobre esse episódio, analisando como Corrêa constrói



uma narrativa que denuncia práticas pedagógicas rígidas e questiona os limites da educação tradicional, permitindo compreender não apenas o contexto histórico da escola brasileira no início do século XX, mas também refletir sobre permanências e rupturas que ainda se fazem presentes na contemporaneidade.

Diante da perspectiva crítica, concentra-se na análise da inter-relação entre a infância, o ambiente escolar e os efeitos pedagógicos na formação do protagonista. A narrativa relata, de forma memorialística, as experiências de Cazusa em diferentes contextos educacionais – desde a escola do povoado até a instituição urbana, evidenciando como cada espaço e cada docente exerceram impactos distintos em seu desenvolvimento intelectual, emocional e social. A obra registra a rigidez e as limitações da escola tradicional quanto os sinais de experimentação da Escola Nova, que valorizava a autonomia, a criatividade e a liberdade do aluno.

Ao longo do capítulo, observa-se a importância das relações afetivas e disciplinares entre aluno, professor e comunidade escolar, mostrando que atitudes dos docentes podem influenciar significativamente a percepção e o engajamento do estudante. Cazusa vivencia reuniões, rituais escolares e interações cotidianas que traduzem as práticas pedagógicas de sua época, refletindo tanto a realidade socioeconômica do Maranhão quanto a evolução das tendências educacionais no Brasil entre o século XIX e início do XX. Além disso, o capítulo 4 também, aprofunda o diálogo com valores político-nacionais, como prática e trabalho, situando a educação formal dentro de um projeto de formação cidadã e nacionalista típico do período do Estado Novo.

Em síntese, a análise crítica do capítulo 4 revela que Cazusa não apenas narra memórias escolares, mas também oferece uma reflexão sobre o papel da escola na construção da identidade, das habilidades e dos valores do aluno, destacando a complexidade da educação infantil e seus desdobramentos históricos, culturais e pedagógicos.



A VIOLÊNCIA ESCOLAR EM CAZUZA

Antes mesmo de entrar na escola, é narrado o quanto o personagem Cazuzza gostaria de ir à escola e se transformar em um homenzinho. No entanto, toda aquela empolgação é desfeita em seu primeiro dia de aula.

[...] num casebre de palha com biqueiras de telhas, caiado por fora. Dentro – unicamente um grande salão, com casas de maribondos no teto, o chão batido, sem tijolo. De imobiliário apenas os bancos e as mesas estreitas dos alunos, a grande mesa do professor e o quadro-negro arrimado ao cavalete. A minha decepção começou logo que entrei (CORRÊA, 1985, p. 28).

O que se esperava, era ser bem acolhido pelo professor e um ambiente que trouxesse aquele gostinho de “quero voltar”. Além da frustração com a estrutura da escola, brotou a desilusão em relação ao seu mestre, que acordou medo.

Essa percepção pode gerar desmotivação, sensação de cobrança não recompensada e falta de pertencimento ao ambiente escolar.

A obra *Cazuzza* (1938), de Viriato Corrêa, apresenta uma visão crítica da educação brasileira do final do século XIX, destacando práticas pedagógicas autoritárias e punitivas. A narrativa, construída a partir da memória infantil do protagonista, evidencia o impacto emocional e psicológico da violência escolar sobre a criança.

No contexto escolar, a personagem sentia muito medo da repreensão através do objeto palmatória, que era usado para castigar os estudantes considerados desobedientes ou pouco aplicados. Destaca-se a seguinte afirmação do narrador: “A palmatória era o terror da escola.” A frase sintetiza de maneira contundente o ambiente educacional vivido por Cazuzza. O uso do termo terror revela que a escola, espaço que deveria promover aprendizado e formação humana, é percebida como um lugar de medo e sofrimento.

A palmatória, mais do que um instrumento físico de punição, assume valor simbólico na



narrativa, representando o autoritarismo e a repressão presentes no modelo educacional da época. Ao adotar o ponto de vista infantil, Corrêa desmonta qualquer tentativa de justificar o castigo como método pedagógico, expondo seus efeitos desumanizadores.

Embora a legislação e as práticas pedagógicas modernas tenham evoluído, ainda é possível identificar semelhanças estruturais na forma como a punição é aplicada em algumas escolas.

A violência física é amplamente proibida. Mas punições como retenção, repreensão pública, suspensão e advertências repetitivas podem gerar efeitos psicológicos semelhantes aos do passado, como constrangimento, ansiedade, evasão escolar e diminuição da curiosidade e da iniciativa.

Assim como Cazusa experimenta medo e inibição, crianças e adolescentes de hoje podem internalizar a punição como sinal de inadequação pessoal, afetando sua autoestima e o vínculo com a aprendizagem.

A DISCIPLINA AUTORITÁRIA NA FORMAÇÃO INFANTIL EM CAZUSA

Viriato Corrêa, em Cazusa, constrói uma narrativa memorialística que problematiza as práticas educativas do Brasil oitocentista, sobretudo aquelas baseadas na rigidez excessiva e na punição. A obra revela como a infância era frequentemente submetida a métodos pedagógicos que priorizavam a disciplina em detrimento da compreensão e do afeto.

A afirmação “Castigar era ensinar” - revela de maneira sintética a lógica que orientava a educação escolar da época. A frase expõe uma concepção pedagógica segundo a qual o aprendizado se confundia com a punição, naturalizando a violência como instrumento formador.

A brevidade da citação reforça seu impacto crítico e ao apresentar essa ideia quase como um princípio e o narrador evidencia o quanto tal pensamento estava enraizado no cotidiano escolar. Sob o olhar da criança, essa equivalência entre castigo e ensino surge como algo injusto e opressor, contribuindo para a crítica implícita do autor.

A citação reforça um dos eixos centrais da obra: a denúncia de um modelo educacional auto-



ritário que compromete o desenvolvimento humano e transforma a escola em um espaço de repressão, e não de formação integral.

Conclui-se que a limitação da aprendizagem, prejudica a formação da subjetividade e reforçam hierarquias sociais injustas. Mas, quando crítica e reflexiva, pode contribuir para repensar essas práticas, valorizando a autonomia, a empatia e o protagonismo da criança na construção do próprio conhecimento.

O COMPORTAMENTO INQUIETO DE CAZUZA E A CONSTRUÇÃO DA INFÂNCIA NA OBRA

Na obra *Cazuza* (1938), Viriato Corrêa constrói o protagonista como uma criança viva, inquieta e pouco adaptada às normas rígidas impostas pelos adultos. O seu comportamento, marcado pela inquietação, curiosidade e dificuldade em obedecer cegamente às regras, é um elemento central da crítica social construída pelo autor, como mostra o trecho abaixo.

“Procurei encarar o mestre e senti um arrepio estranho percorrer meu corpo inteiro. Diante de mim estava uma figura impressionante, de semblante fechado, difícil de lidar e de aparência ameaçadora” (CORRÊA, 1985, p. 29).

Ao retratar o protagonista como uma criança ativa e espontânea, ele rompe com a idealização da infância submissa e silenciosa, comum na literatura e no discurso educacional do período. Essa postura da criança entra em conflito com uma sociedade estruturada em valores autoritários, na qual a obediência é mais valorizada do que a compreensão ou o diálogo.

A escola, como instituição social, reproduz esse modelo, tratando comportamentos naturais da infância como falhas morais a serem corrigidas por meio do castigo. Dessa forma, a indisciplina de *Cazuza* não é apenas individual, mas revela a inadequação das normas sociais impostas às crianças.

A crítica social do autor, fortalece-se justamente ao mostrar que o problema não reside no



menino, mas no sistema que tenta moldá-lo pela violência e pelo medo. O comportamento de Cazuzza funciona como uma forma de resistência involuntária a um modelo social rígido, que sufoca a liberdade, a criatividade e a humanidade da infância.

Ao narrar as experiências de Cazuzza, o autor denuncia uma sociedade que normaliza práticas opressivas e desconsidera a criança como sujeito de direitos e sentimentos, transformando a educação em instrumento de controle social em vez de formação humana.

Na sociedade atual, a construção da infância valoriza a criança como sujeito de direitos, capaz de interagir com o mundo e participar ativamente de seu desenvolvimento. A literatura infantil, quando crítica e reflexiva, como exemplificado em Cazuzza, auxilia nesse processo ao dar voz às experiências e emoções da criança, fortalecendo a compreensão de que o comportamento inquieto é parte essencial da construção da infância.

Portanto, o comportamento inquieto, longe de ser problema, constitui elemento fundamental da aprendizagem, da socialização e da construção da subjetividade infantil. Reconhecê-lo e mediá-lo de forma adequada é essencial para promover uma educação centrada na criança, que respeite sua curiosidade, autonomia e capacidade crítica, consolidando uma visão moderna e humanizadora da infância.

O FECHAMENTO DO CAPÍTULO 4 E A CRÍTICA SOCIAL DA EDUCAÇÃO

Ao final do capítulo 4 de Cazuzza (1938), Corrêa reforça o impacto duradouro da experiência escolar sobre a criança, encerrando o episódio com uma reflexão marcada pelo medo e pela submissão impostos pelo ambiente educativo. Esse tom é sintetizado na afirmação: “Eu saí da escola com medo.”

A brevidade da frase intensifica seu efeito expressivo. O verbo “sair” indica que o aprendizado não resulta em crescimento intelectual ou moral, mas em um sentimento negativo que acompanha o personagem para além do espaço escolar. O medo, aqui, não é momentâneo, mas consequência direta de um sistema educacional baseado na violência e na repressão.



Ao escolher encerrar o capítulo com essa percepção infantil, o autor amplia sua crítica social: a escola, instituição destinada à formação do indivíduo, aparece como agente de trauma e silenciamento. O comportamento de Cazuzza ao longo do capítulo — inquieto, curioso e resistente — encontra nesse final uma confirmação trágica, pois a educação não o acolhe, apenas o intimida.

O desfecho do capítulo 4 evidencia a denúncia de Viriato Corrêa a uma sociedade que confunde disciplina com medo e autoridade com violência, revelando o fracasso de um modelo educativo incapaz de compreender a infância como fase legítima de expressão e aprendizagem.

Conclui-se que a educação atual precisa superar práticas autoritárias e se orientar por princípios democráticos e humanizadores. Disciplina escolar não deve ser entendida como obediência cega ou submissão ao medo, mas sim como a capacidade de o aluno assumir responsabilidades sobre suas próprias escolhas e atitudes. Somente assim será possível formar cidadãos críticos, criativos e solidários, capazes de participar ativamente da sociedade e de contribuir para um futuro mais justo e plural.

CAZUZA E A LITERATURA INFANTIL BRASILEIRA SEGUNDO NELLY NOVAES COELHO E REGINA ZILBERMAN

Nelly Novaes Coelho e Regina Zilberman oferece um referencial teórico fundamental, articulando literatura, infância e educação. De acordo com Novaes Coelho (2000), a literatura infantil deve ser analisada como um fenômeno histórico e cultural, intimamente ligado às concepções de infância de cada período.

A autora destaca que a literatura infantil brasileira evoluiu de um caráter essencialmente moralizante, voltado à formação de condutas, para obras que reconhecem a criança como sujeito sensível e ativo, capaz de experimentar, refletir e questionar a realidade. Nesse sentido, Cazuzza representa um marco, ao priorizar a vivência da criança e sua percepção da escola e do mundo, em detrimento de mensagens pedagógicas explícitas.

O comportamento inquieto e questionador do protagonista evidencia essa valorização da



subjetividade, alinhando-se à perspectiva de Novaes Coelho sobre a modernização da literatura infantil.

Zilberman (1994) complementa essa análise ao destacar a função social e ideológica da literatura infantil, especialmente no contexto escolar. Para a autora, a literatura infantil historicamente esteve vinculada à escola e à transmissão de normas sociais, muitas vezes servindo como instrumento de controle e formação do cidadão.

Em *Cazuza*, observa-se a tensão entre a narrativa da infância e a imposição de regras rígidas e punitivas, evidenciando práticas autoritárias que reproduzem valores sociais dominantes. A obra expõe, portanto, a discrepância entre a experiência da criança e os objetivos sociais da educação, revelando a crítica implícita de Corrêa às instituições educativas da época.

Assim, *Cazuza* cumpre um papel duplo: denuncia práticas educativas desumanizantes e contribui para a construção de uma literatura infantil que reconhece a criança como sujeito histórico, social e ético.

Ao deslocar o foco da criança como mero receptor de normas para sujeito capaz de perceber injustiças, sentir, resistir e refletir, a obra antecipa debates sobre infância que se consolidariam posteriormente na crítica literária e pedagógica brasileira.

Portanto, Novaes Coelho e Zilberman permite compreender *Cazuza* como parte de um movimento histórico de valorização da criança na literatura brasileira, transformando o gênero em um instrumento de reflexão crítica, humanização e conscientização social.

CAZUZA E PAULO FREIRE NA LITERATURA INFANTIL BRASILEIRA

O estudioso Paulo Freire oferece um referencial teórico consistente, permitindo articular a narrativa literária de *Cazuza* à evolução histórica da educação e da literatura infantil no Brasil.

Paulo Freire (1921-1997) propõe uma educação que se fundamenta no diálogo, na problematização e no reconhecimento do educando como sujeito ativo do conhecimento, em oposição ao



modelo da chamada “educação bancária”, caracterizada pela transmissão unilateral de conteúdos, repressão e passividade do aluno.

Na obra literária Cazusa, a crítica à escola tradicional aproxima-se dessa perspectiva: o protagonista vive um ambiente escolar marcado pelo medo, punições físicas e ausência de diálogo, evidenciando um modelo autoritário que nega a participação e a experiência da criança.

O comportamento inquieto e questionador da criança, refletido em episódios em que ele se recusa a obedecer cegamente às normas, pode ser interpretado, à luz de Freire, como a manifestação de uma consciência crítica em formação.

A personagem, ao confrontar regras rígidas e práticas violentas, revela o conflito entre sua natureza curiosa e a imposição de uma disciplina que prioriza a obediência em detrimento da humanização e do desenvolvimento integral.

Nesse sentido, a obra de Viriato Corrêa não apenas narra a vivência escolar de uma criança, mas também cumpre uma função social: denunciar práticas educativas desumanizantes e valorizar a subjetividade infantil, promovendo uma literatura que se aproxima da concepção de Freire de educação libertadora.

Ao dar voz às experiências, sentimentos e resistências de Cazusa, o autor contribui para a evolução da literatura infantil brasileira, deslocando o foco da criança como mero receptor de normas e moralizações para sujeito ativo, capaz de questionar e refletir sobre seu mundo.

Para Freire (1996), o professor deve estimular a curiosidade e a criatividade dos alunos, reconhecendo que o conhecimento não é algo pronto, mas resultado de uma construção coletiva.

O diálogo entre Cazusa e a pedagogia crítica de Paulo Freire permite compreender a obra como parte de um movimento histórico mais amplo da literatura infantil no Brasil: a passagem de textos moralizantes para produções que reconhecem a criança como sujeito histórico e social, com direito à expressão, reflexão e crítica.

Nesse contexto, a obra evidencia o papel da literatura infantil não apenas como entretenimento ou formação ética, mas como instrumento de humanização, conscientização e crítica social,



antecipando práticas pedagógicas que só seriam plenamente teorizadas décadas depois por Freire.

CAZUZA, JEAN PIAGET E LEV VYGOTSKY

A análise do comportamento de Cazuzza pode ser enriquecida a partir das teorias de Jean Piaget e Lev Vygotsky, que oferecem perspectivas complementares sobre aprendizagem, desenvolvimento e socialização infantil.

Segundo Piaget (1976), o desenvolvimento infantil ocorre por meio de um processo ativo de construção do conhecimento, em que a criança interage com o ambiente, assimila experiências e organiza estruturas cognitivas compatíveis com sua idade. O comportamento inquieto e curioso de Cazuzza pode ser interpretado como manifestação desse processo, demonstrando a tentativa da criança de compreender e explorar o mundo ao seu redor.

No entanto, o ambiente escolar rigidamente disciplinar descrito no capítulo 4 limita essa exploração, restringindo a ação autônoma do protagonista e prejudicando seu desenvolvimento cognitivo, evidenciando a tensão entre o potencial de aprendizagem natural da criança e práticas educacionais autoritárias.

Por sua vez, Vygotsky (1984) enfatiza a importância do contexto social e cultural no desenvolvimento da criança, defendendo que a aprendizagem ocorre através da interação com adultos e pares mais experientes, em um processo mediado socialmente.

O capítulo 4 revela justamente a ausência dessa mediação: a escola utiliza punições e o medo como instrumentos pedagógicos, negando a Cazuzza oportunidades de participação ativa, reflexão e internalização de saberes. Sob a perspectiva vygotskiana, a obra evidencia como práticas autoritárias impedem que a criança explore sua zona de desenvolvimento proximal, prejudicando tanto a aprendizagem quanto a socialização.

Assim, a articulação das teorias de Piaget e Vygotsky permite compreender o capítulo 4 de Cazuzza como uma denúncia pedagógica: o comportamento natural do protagonista — inquietação,



curiosidade e resistência — é reprimido por um sistema escolar que prioriza disciplina e obediência, em detrimento do desenvolvimento cognitivo, social e emocional da criança.

Dessa forma, a obra antecipa discussões modernas sobre a necessidade de uma educação centrada na criança, que reconheça seu protagonismo, sua capacidade de reflexão e seu direito à aprendizagem significativa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A obra *Cazuza* (CORRÊA, 1938) apresenta-se como um importante marco da literatura infantil brasileira, por oferecer um relato sensível e crítico da infância, particularmente no contexto escolar.

Ao longo da narrativa, especialmente no capítulo 4, Viriato Corrêa descreve experiências de disciplina rígida, punição e medo, revelando o impacto negativo de um sistema educacional autoritário sobre o desenvolvimento da criança.

O comportamento inquieto, curioso e resistente de Cazuza evidencia a tensão entre a natureza ativa da infância e as exigências de obediência impostas pela escola, destacando o conflito entre experiência infantil e normas sociais.

A análise do texto à luz de Paulo Freire permite compreender a obra como crítica às práticas pedagógicas repressivas. O medo e a punição descritos no livro ilustram o modelo de “educação bancária”, em que a criança é considerada passiva e subordinada, em oposição a uma educação libertadora, baseada no diálogo e na valorização da experiência do educando (FREIRE, 1996).

Nessa perspectiva, Corrêa antecipa debates contemporâneos sobre a necessidade de uma educação centrada na criança, capaz de promover reflexão crítica e humanização.

Ao relacionar o texto às contribuições de Nelly Novaes Coelho e Regina Zilberman, observa-se a relevância histórica da obra para a literatura infantil.

Segundo Coelho (2000), *Cazuza* valoriza a subjetividade da criança e sua capacidade de



experimentar e questionar o mundo, rompendo com a tradição moralizante e didática predominante na época.

Zilberman (1994) reforça essa perspectiva ao evidenciar o papel ideológico da literatura infantil e sua função crítica diante de estruturas sociais e educacionais opressivas, reveladas na experiência escolar do protagonista.

As teorias de Jean Piaget e Lev Vygotsky complementam a análise, permitindo compreender o impacto do contexto escolar sobre o desenvolvimento cognitivo e social da criança. Sob a perspectiva piagetiana (PIAGET, 1976), o comportamento inquieto de Cazuzu expressa a tentativa de construir conhecimento por meio da interação com o ambiente.

Já na perspectiva vygotskiana (VYGOTSKY, 1984) evidencia a ausência de mediação social significativa na escola, impedindo a criança de desenvolver plenamente sua zona de desenvolvimento proximal. Assim, o capítulo 4 denuncia os efeitos pedagógicos e emocionais de práticas autoritárias que restringem aprendizagem, exploração e reflexão.

Em síntese, as análises convergem para a compreensão de Cazuzu como obra de múltiplas dimensões: memorialística, literária e pedagógica. Corrêa não apenas narra as experiências de uma infância reprimida, mas também oferece uma crítica social e educativa relevante, que dialoga com conceitos modernos de desenvolvimento infantil e literatura crítica.

Concluindo, a obra Cazuzu de Viriato Corrêa representa um marco significativo na evolução da literatura infantil brasileira, ao transformar a criança de um simples destinatário de regras e ensinamentos morais em um agente participativo, reflexivo e dotado de humanidade. Essa mudança de perspectiva fortalece a função reflexiva e libertadora da literatura, que passa a ser compreendida não apenas como instrumento de transmissão de valores, mas como espaço de emancipação intelectual e emocional. Ao conferir protagonismo à infância, Corrêa contribui para a consolidação de uma literatura que respeita a complexidade da experiência infantil e promove a formação de leitores mais conscientes, criativos e capazes de interagir criticamente com o mundo que os cerca.



REFERÊNCIAS

COELHO, Nelly Novaes. Literatura infantil: história e crítica. São Paulo: Scipione, 2000.

ZILBERMAN, Regina. Literatura infantil: aspectos ideológicos e educativos. Petrópolis: Vozes, 1994.

CORRÊA, Viriato. Cazuza. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1938.

CORRÊA, Viriato. Cazuza. 32. ed. São Paulo: Ed. Nacional, 1984.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996

PIAGET, Jean. A psicologia da criança. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1976.

VYGOTSKY, Lev S. A formação social da mente. São Paulo: Martins Fontes, 1984

